

Relação parental na situação de divórcio/ /separação conjugal *

HELENA AFONSO / MANUELA CALHEIROS **

INTRODUÇÃO

O divórcio/separação conjugal tem sido considerado como um processo com facetas emocionais, legais, económicas, parentais e comunitárias, e não como um acontecimento singular na vida dos indivíduos (Kaslow, 1981; Pais e White, 1979; Rice e Rice, 1986; Salts, 1979).

A literatura sobre esta matéria refere, com alguma frequência, o grau de perturbação a nível do bem-estar físico e psicológico que este processo pode acarretar nos indivíduos que por ele passam, exigindo-lhes mudanças significativas no funcionamento pessoal, familiar e social (Buehler, 1988; Buehler e al., 1985; Demoe e Acock, 1988; Glenn e Weaver, 1988; Riessman e Gerstel, 1985).

As alterações que ocorrem na estrutura e funcionamento familiares, nomeadamente nos papéis, regras e responsabilidades, reflectem-se e são acompanhados por mudanças nos padrões interactivos entre os membros da família. O processo de redifini-

ção parental requer que os ex-cônjuges separem os seus papéis conjugais e parentais, terminando os primeiros e redefinindo os segundos. Surge assim a tarefa, nem sempre fácil, de adaptação a um novo estilo de vida pessoal, familiar e social (Brown e Foye, 1984; Kelly, 1984; Kitson e al., 1985).

As relações pais-filhos e a relação interparental em situações de pós-divórcio/separação conjugal têm ocupado um espaço importante nas investigações sobre os factores de adaptação dos membros da família, assim como nos estudos sobre aspectos de custódia parental (Ahrns, 1983; Ahrns e Wallisch, 1987; Bowman e Ahrns, 1985; Fine e al., 1983; Furstenberg, 1985; Isaacs e al, 1987; Isaacs e Leon, 1988; Kline e al., 1989).

Confirmámos a importância atribuída às dimensões parentais no pós-divórcio/separação conjugal através do testemunho dos sujeitos do nosso estudo. Assim, quando lhes foi perguntado quais as questões que se colocavam a si próprios nas primeiras semanas após a separação e nas semanas anteriores à entrevista, a maioria referiu a centralidade de questões como os efeitos da separação nos filhos, as responsabilidades parentais na ausência ou diminuição de suporte e apoio do outro cônjuge, a relação do progenitor sem custódia com os filhos, e ainda, a relação entre os ex-cônjuges no seu papel de pais.

O tipo de relação desenvolvida entre os ex-cônjuges parece ser um factor crítico na qualidade de adaptação ao divórcio/separação conjugal tanto para

* Artigo baseado na comunicação apresentada na 2ª Conferência dos Psicólogos Portugueses — Conferência Internacional: A Psicologia e os Psicólogos Hoje, Lisboa, Novembro de 1989, no Simposium da Associação Portuguesa de Terapias Comportamental e Cognitiva (A.P.T.C.C.) intitulado «Psicoterapias cognitivas e comportamentais: do consultório às intervenções grupais e comunitárias».

** HELENA AFONSO, Assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa; MANUELA CALHEIROS, Psicóloga na Divisão de Estudos e Planeamento da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

os pais como para os seus filhos. Factores como a discórdia, o suporte e cooperação entre os pais divorciados/separados, a consistência de práticas educativas entre eles, a existência de sentimentos e atitudes em relação ao ex-cônjuge, etc., jogam um papel fundamental na adaptação à separação conjugal quer dos indivíduos adultos quer das crianças (Ahrns, 1983; Ahrns e Wallisch, 1987; Isaacs e Leon, 1988; Johnston e al., 1987; Jouriles e al., 1989; Long e Forehand, 1987).

OBJECTIVOS

O presente estudo constitui somente uma parcela dum projecto de investigação mais vasto sobre

Dificuldades e Adaptação no Processo de Separação Conjugal, a decorrer desde o ano passado. Este projecto inclui ainda a elaboração de *Programas de Prevenção e Intervenção* para indivíduos separados/divorciados.

Deste modo, este estudo vai centrar-se apenas sobre o tipo de relação parental desenvolvido pelos ex-cônjuges.

Os objectivos do estudo são:

— descrever o conteúdo da comunicação dos pais separados/divorciados respeitante a situações de vida dos seus filhos, assim como os aspectos quantitativos e qualitativos dessa relação parental.

— examinar como alguns aspectos associados à experiência de separação conjugal influenciam o padrão da relação parental pós-separação.

QUADRO I

Descrição da amostra (N = 95)

VARIÁVEL	DISTRIBUIÇÃO	MÉDIA
SEXO		
Homens 24		
Mulheres 71		
IDADE	20 — 50	33
NÍVEL EDUCACIONAL (nº de anos de escola completados)	4 — 16	11
RENDIMENTO MENSAL	Menos de 30 Mais de 160 mil escudos mil escudos	Entre 70-80 mil escudos
ESTATUTO PROFISSIONAL		
Empregado a tempo inteiro 91		
Empregado em part-time 3		
DURAÇÃO DA RELAÇÃO CONJUGAL (anos)	1 — 23	9
DURAÇÃO DA SEPARAÇÃO (meses)	1 — 36	18
ESTATUTO ACTUAL		
Divorciado 36		
Separado 36		
Em processo de divórcio 23		
NÚMERO DE FILHOS	1 — 4	1.5
IDADE DOS FILHOS	1 — 22	8
Idade pré-escolar 45		
Idade escolar 35		
Adolescentes 24		
Jovem adulto 8		
Nº DE SUJEITOS COM QUEM OS FILHOS RESIDEM		
Mulheres que residem com todos os filhos 66		
Mulheres que residem com alguns filhos 3		
Homens que residem sem nenhum filho 19		
Homens que residem com alguns filhos 2		

METODOLOGIA

Os dados obtidos foram retirados de entrevistas conduzidas por estudantes finalistas do Ramo de Psicoterapia e Aconselhamento da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação de Lisboa, com experiência em métodos de avaliação e entrevista clínica.

A selecção dos sujeitos para o estudo teve em consideração os seguintes critérios:

- não residir com o cônjuge por motivos de discórdia conjugal;
- ter sido o primeiro casamento e ter tido uma duração superior a um ano;
- duração da separação inferior a três anos;
- inexistência duma situação de vivência conjugal com um novo parceiro;
- existência de pelo menos um filho com idade inferior a 18 anos.

Nestas condições foram entrevistados 95 sujeitos do concelho de Lisboa e limítrofes.

QUADRO 2

Dimensões da Relação Parental entre os Ex-cônjuges e Médias obtidas nos itens de cada uma delas

DIMENSÕES DA RELAÇÃO PARENTAL ENTRE EX-CÔNJUGES		MEDIDAS							MÉDIA
Frequência de interacção	Frequência de contacto	1 Nunca	2	3 1 vez por mês	4	5	6 2 vezes por semana ou mais	7	4.5
	Duração da interacção	1 Menos de 5 minutos	2	3 Cerca de 15 minutos	4	5	6 Mais de 30 minutos	7	4.1
	Tempo junto com os filhos	1 Nunca	2	3 Às vezes	4	5	6 Sempre	7	2.1
Conteúdo da comunicação	Decisões maiores em relação aos filhos								4.8
	Decisões diárias em relação aos filhos								2.3
	Problemas pessoais dos filhos								4.0
	Problemas escolares/médicos dos filhos								4.6
	Planear acontecimentos especiais na vida dos filhos	«Com que frequência você e o seu ex-cônjuge falam sobre vários aspectos da vida dos filhos?»							3.6
	Problemas em criar/educar/relacionar-se com os filhos	1 Nunca	2	3 Às vezes	4	5	6 Sempre	7	3.8
	Progressos/sucessos dos filhos								4.1
	Adaptação dos filhos à separação conjugal								3.3
Finanças relacionadas com os filhos								3.8	
Qualidade de interacção	Suporte Parental	Ex-cônjuge compreende e apoia necessidades como mãe/pai							3.5
		Quando precisa de ajuda respeitante aos filhos procura-a no ex-cônjuge							3.0
		Ex-cônjuge fonte de apoio na educação dos filhos							3.1
		A/O própria/o fonte de apoio do ex-cônjuge na educação dos filhos							3.7
	Conflito Parental	Frequência de discussões							3.2
		Clima de hostilidade ou raiva							2.8
		Conversa stressante/tensa							3.7
		Diferenças de opinião sobre formas de educação							3.6
		1 Nunca	2	3 Às vezes	4	5	6 Sempre	7	

O Quadro 1 descreve algumas características da amostra obtida.

As dimensões da relação parental entre os ex-cônjuges e a forma como foram avaliadas estão descritas no Quadro 2.

O aspecto quantitativo da relação parental inclui a frequência de contacto, a duração da interacção entre os ex-cônjuges e ainda, o tempo que passam juntos com os filhos em actividades várias (festas, actividades escolares, visitas a familiares, refeições conjuntas, etc.).

No que diz respeito ao conteúdo da comunicação avaliaram-se nove áreas relacionadas com a vida dos filhos, questionando-se a frequência com que falavam sobre cada área.

O aspecto qualitativo da relação foi operacionalizado através de oito itens, quatro medindo o grau de conflito entre os ex-cônjuges, e os outros quatro avaliando o suporte mútuo. Foi através destes dois aspectos (conflito e suporte parentais) que estabelecemos um índice de qualidade parental, definindo-se uma relação cooperativa como sendo aquela que apre-

sentava um valor baixo no conflito e um valor alto no suporte.

Todas as dimensões da relação parental (quantitativa, qualitativa e de conteúdo) foram avaliadas utilizando-se escalas de valores com sete pontos.

Avaliámos também alguns aspectos associados à experiência de separação conjugal, uma vez que estávamos interessadas em examinar como eles influenciavam o padrão da relação parental pós-separação. Esses aspectos estão descritos no Quadro 3 e são os seguintes:

— Grau de dificuldade em chegar a acordos relativamente à custódia dos filhos, regime de visitas e pensão de alimentos;

— Grau de satisfação actual com esses acordos estabelecidos;

— Forma como os sujeitos classificavam a relação presente com o ex-cônjuge;

— Sentimentos experimentados pelos sujeitos relativamente ao ex-cônjuge e à própria situação de separação conjugal, e que são característicos da faceta emocional pós-separação.

QUADRO 3

Aspectos comuns à situação de separação conjugal e médias obtidas em cada um deles

ASPECTOS DA SEPARAÇÃO CONJUGAL	MEDIDAS	MÉDIA	
Dificuldade em chegar a acordos (N = 95)	«Em que medida foi difícil chegar a acordos sobre questões dos filhos (custódia, pensão de alimentos, visitas, etc.)?» 1 2 3 4 5 6 7 Muito difícil Muito fácil	4.3	
Satisfação com os acordos (N = 95)	«Em que medida está satisfeita/o com os acordos estabelecidos?» 1 2 3 4 5 6 7 Nada satisfeita/o Muito satisfeita/o	4.0	
Relação actual com ex-cônjuge (N = 72)	«Como classifica a sua relação actual com o seu ex-cônjuge?» 1 2 3 4 5 6 7 Muito má Razoável Muito boa	3.6	
Sentimentos (Nº variável) *	Tristeza	2.9	
	Irritação/Falta de paciência	2.5	
	Inadequação pessoal	1.5	
	Ofendida/o Ressentida/o	Frequência de ocorrência de vários sentimentos após a separação conjugal	3.0
	Falha pessoal	1 2 3 4 5	2.0
	Perda/Desgosto	Nunca Poucas vezes Às vezes Frequentemente Sempre	2.5
	Culpa/Auto-censura		2.0
	Insegurança/Falta de confiança		1.9
Rejeição		1.5	
Raiva/Revolta		2.2	

* O número de sujeitos na frequência de ocorrência dos vários sentimentos varia entre 70 e 86 devido ao facto de alguns sujeitos terem assinalado que o sentimento já tinha ocorrido depois da separação, mas já não ocorria na altura da entrevista.

Todos estes aspectos foram avaliados utilizando-se escalas de valores com sete pontos, excepto para os sentimentos em que se utilizou uma escala de cinco pontos. Isto deve-se ao facto destes sentimentos estarem incluídos numa lista de situações que podem ser problemáticas pós-separação. Avalia-se, então, a frequência de ocorrência numa série de situações através duma escala de cinco pontos, incluindo também uma coluna onde se assinala que o sentimento/situação já ocorreu/foi problemática, mas já não o é actualmente.

RESULTADOS

Os Quadros 2 e 3 apresentam respectivamente, as médias obtidas nas várias dimensões da relação parental entre os ex-cônjuges e nos aspectos associados à experiência de separação conjugal.

No que diz respeito às dimensões da relação parental (Quadro 2) verificamos que dos 95 sujeitos somente 72 mantêm uma relação com os ex-cônjuges. Nos restantes 23, a relação é inexistente. A média da frequência de contacto (4.5) corresponde sensivelmente a um contacto numa vez por mês. A média da duração da interacção é de 4.1 que corresponde a cerca de 15 minutos de interacção. A média do tempo juntos com os filhos é ainda mais baixa (2.1). Os conteúdos mais focados como tema de conversa entre estes pais são a partilha de decisões maiores em relação aos filhos, a conversa sobre problemas escolares dos filhos, dos seus progressos e sucessos e ainda, dos problemas pessoais dos mesmos. As médias obtidas nos itens que constituem a dimensão qualitativa da relação (conflito e suporte parentais) são muito semelhantes entre si.

No que diz respeito aos aspectos associados à experiência de separação conjugal (Quadro 3) verificamos que as médias obtidas no grau de dificuldade em chegar a acordos e o grau de satisfação actual com os acordos estabelecidos (4.3 e 4.0 respectivamente) são indicadores dum grau médio de dificuldade e de satisfação desses acordos. Quanto ao modo como os indivíduos classificam a relação actual com o ex-cônjuge, a média obtida (3.6) é indicadora duma relação um pouco abaixo do razoável (ponto médio da escala de valores). As médias dos sentimentos experimentados pelos sujeitos na altura da entrevista revelam que o sentir-se ofen-

QUADRO 4

Correlações entre os índices de Qualidade da Relação Parental e o Aspecto Quantitativo e de Conteúdo da Comunicação entre os ex-cônjuges (N = 72)

	QUALIDADE DA RELAÇÃO PARENTAL	
	Índice de suporte	Índice de conflito
Frequência de contacto	.461 **	-.164
Duração da interacção	.443 **	-.290
Tempo juntos com os filhos	.614 **	-.322 *
Conteúdo da comunicação (Geral)	.677 **	-.460 **
Decisões maiores em relação aos filhos	.581 **	-.388 **
Decisões diárias em relação aos filhos	.543 **	-.423 **
Problemas pessoais dos filhos	.514 **	-.507 **
Problemas escolares/médicos dos filhos	.578 **	-.512 **
Planear acontecimentos especiais	.531 **	-.322 *
Problemas em educar/criar os filhos	.592 **	-.363 *
Progressos/sucessos dos filhos	.569 **	-.480 **
Adaptação dos filhos à separação	.392 **	-.276
Finanças relacionadas com os filhos	.453 **	-.165

** p<.001

* p<.01

dida(o)/ressentida(o) com o ex-cônjuge, a tristeza e os sentimentos de perda/desgosto e irritação são os mais frequentes.

Os dados que vos referimos parecem apontar uma discrepância entre a relação parental actual e a relação que os sujeitos nos descrevem como a ideal, quando questionados a esse respeito. Nessa descrição os sujeitos referem alguns aspectos comuns que deveriam ocorrer frequentemente:

- Ajuda, cooperação e responsabilidades mútuas;
- Planificação e partilha na educação dos filhos;
- Manutenção duma boa relação e diálogo aberto;
- Desempenho dos papéis parentais sem interferência de sentimentos negativos e inibidores da relação parental (ex: raiva, rancor, ressentimento, etc.);
- Envolvimento em actividades conjuntas com os filhos.

A utilização da análise de correlações dos diferentes dados recolhidos neste estudo permitiu compreender como a qualidade parental, a dimensão quantitativa e de conteúdo da comunicação, e ainda os

QUADRO 5
*Correlações entre as Dimensões da Relação Parental entre os Ex-cônjuges
 e Aspectos da Situação de Separação Conjugal*

	FREQUÊNCIA DE INTERACÇÃO			CONTEÚDO DA COMUNICAÇÃO	QUALIDADE DE INTERACÇÃO	
	Frequência de contacto	Duração da interacção	Tempo juntos com os filhos		Suporte Parental	Conflito Parental
Dificuldade em chegar a acordos	.472 **	.187	.179	.250	.327 *	-.330 *
Satisfação com os acordos	.513 **	.363 *	.445 *	.608 **	.649 **	-.488 **
Relação actual com ex-cônjuge	.478 **	.370 *	.517 **	.713 **	.720 **	-.635 **
Sentimentos	-.108	.002	-.215	-.167	-.126	.307 **

**p<.001 *p<.01

vários aspectos da experiência da separação conjugal se relacionam entre si.

A qualidade da relação parental, especialmente se nos basearmos no índice de suporte mútuo, parece relacionar-se com uma maior frequência tanto de contacto, como de duração de interacção entre os ex-cônjuges, como ainda de tempo juntos com os filhos. Qualidade e quantidade parecem andar aqui de mãos dadas (Quadro 4). Quanto ao conteúdo da comunicação, em termos globais ou mais específicos, a frequência com que os progenitores falam sobre os vários assuntos respeitantes aos filhos parece relacionar-se directamente com o suporte mútuo e inversamente com o conflito existente entre eles. A presença de conflito parece interferir no diálogo sobre esses vários assuntos, enquanto o suporte mútuo facilita essa comunicação.

No que diz respeito à influência de certos aspectos da experiência de separação no padrão relacional dos pais (Quadro 5), verificamos que um grau de dificuldade maior em chegar a acordos parece diminuir a frequência de contacto entre eles, assim como a qualidade da interacção. A maior dificuldade nos acordos parece não afectar os conteúdos discutidos, excepto nos temas dos problemas pessoais dos filhos (.315 *) e dos seus progressos e sucessos (.307 *). Ou seja, se for mais difícil chegar a acordos parece ser menos frequente a conversa sobre estes dois temas.

Um grau de satisfação maior com os acordos estabelecidos acompanha significativamente não só uma qualidade relacional mais elevada (relação directa com suporte e inversa com conflito), como um aumento dos aspectos quantitativos da relação, como ainda uma partilha e diálogo sobre todos os

assuntos relativos à vida dos filhos. Este aspecto, grau de satisfação com os acordos, parece-nos ser imprescindível para uma boa relação parental ao nível da sua qualidade, quantidade e áreas partilhadas no diálogo dos pais.

Podemos também verificar no Quadro 5 que uma avaliação mais positiva da relação actual com o ex-cônjuge acompanha significativamente um aumento dos níveis de qualidade, quantidade e conteúdo do diálogo entre os pais. De notar, que uma avaliação mais negativa dessa relação relaciona-se com uma maior dificuldade nos acordos e insatisfação com os mesmos (.477 ** e .684 ** respectivamente).

Por fim, quando estão presentes sentimentos negativos em relação ao cônjuge e à situação de separação, o índice de conflito parental é maior, contribuindo assim para uma qualidade da relação menor.

Refira-se ainda que a inexistência duma relação actual com os ex-cônjuges referida por alguns sujeitos (N=23) está positivamente associada a um grau de dificuldade maior em chegar a acordos, insatisfação com eles, e uma frequência mais elevada de sentimentos negativos.

CONCLUSÕES

Os resultados que apresentámos respeitantes à natureza da relação estabelecida entre os pais separados, ao permitirem uma melhor compreensão do funcionamento parental pós-separação, fornecem informação útil para se delinear algumas propostas de planeamento e implementação de intervenções

educativas, terapêuticas, sociais e até políticas. Essas propostas vão no sentido de promover nos indivíduos o desenvolvimento de relações parentais satisfatórias, dado o benefício que isso pode trazer para todos os intervenientes neste processo.

Todos sabemos a importância do papel do psicólogo na promoção de uma adaptação familiar em situações de crise, através de intervenções conjugais e familiares precoces. No caso da separação conjugal/divórcio, grande parte da sua intervenção com os pais deverá ser orientada no sentido de os ajudar a construir uma relação parental cooperativa e em que haja partilha de responsabilidades parentais. As intervenções educativas e terapêuticas podem ser um meio eficaz de se atingir este objectivo. O desenvolvimento de programas de educação parental que incluam aprendizagem de aptidões parentais e relacionais, a resolução de problemas emocionais que ajudem os pais a separar os aspectos conjugais dos parentais, a mudança de atitudes e valores destes pais, etc., podem constituir formas de prevenção e intervenção nestas famílias, com o consequente aumento de bem-estar dos seus membros.

Se a separação conjugal/divórcio não pode nem deve ser encarada como um processo puramente legal, mas como um processo que envolve aspectos emocionais e psicológicos, então será necessário a criação de serviços que espelhem esta visão multidimensional do processo de separação conjugal.

Os dados obtidos no nosso estudo permitem ver como a satisfação com os acordos estabelecidos e a facilidade em atingi-los jogam um papel fulcral numa boa relação parental pós-separação. Parece então fazer sentido, que o psicólogo deva alargar as suas intervenções a formas de promoção de políticas legais que facilitem relações mais cooperativas. O sistema legal deve então fornecer uma atmosfera para a resolução de conflitos e não ser um catalizador de hostilidades. Deve também permitir que os pais separados sejam mais activos e responsáveis no estabelecimento de acordos, sendo ajudados pelo psicólogo a promover comunicações, responsabilidades mútuas e flexibilidade nas tomadas de decisão que têm impacto no bem-estar deles próprios e dos seus filhos. Decerto que as decisões que foram activamente tomadas por ambos serão mais facilmente cumpridas, dado o maior envolvimento dos indivíduos nessas decisões.

Estamos certas que estas acções são algumas formas de fortalecer os laços familiares, de modo a

que a separação seja uma dissolução conjugal e não uma dissolução parental.

O desafio que lançamos e que atesta o significado da intervenção do psicólogo na comunidade é, por um lado, a necessidade de uma aplicação sistemática da investigação psicossocial na formulação de uma política de intervenção com estas famílias e, paralelamente, a promoção de mudanças nas várias instituições legais, sociais e educativas, mudanças essas que apoiem um modelo de mutualidade e cooperação dos pais separados/divorciados.

REFERÊNCIAS

- AHRONS, C. R. (1983). Predictors of paternal involvement postdivorce: mothers' and fathers' perceptions. *Journal of Divorce*, 6 (3), 55-69.
- AHRONS, C. R. & Wallisch, L. (1987). The relationship between former spouses. In D. Perlman & S. Duck (Eds.), *Intimate Relationships: development, dynamics and deterioration*. Beverly Hills: Sage.
- BOWMAN, M. E. & Ahrons, C. R. (1985). Impact of legal custody status on fathers' parenting postdivorce. *Journal of Marriage and the Family*, 47, 481-488.
- BROWN, B. & Foye, B. F. (1984). Divorce as a dual transition: interpersonal loss and role restructuring. In V. Allen & E. van de Ulmer, *Role Transitions: explorations and explanations*. New York: Plenum.
- BUEHLER, C. (1988). The social and emotional well-being of divorced residential parents. *Sex Roles*, 18 (5/6), 247-257.
- BUEHLER, C., Hogan, M. J., Robinson, B. & Levy, R. (1985). The parental divorce transition: divorce-related stressors and well-being. *Journal of Divorce*, 9 (2), 61-81.
- DEMO, D. H. & Acock, A. C. (1988). The impact of divorce on children. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 619-648.
- FINE, M. A., Moreland, J. & Schwebel, A. (1983). Long-term effects of divorce on parent-child relationships. *Developmental Psychology*, 19 (5), 703-713.
- FURSTENBERG, F. (1985). Parenting apart: patterns of childrearing after marital disruption. *Journal of Marriage and the Family*, 47, 893-904.
- GLENN, N. D. & Weaver, C. N. (1988). The changing relationship of marital status to reported happiness. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 317-323.
- ISAACS, M. B., Leon, G. H. & Kline, M. (1987). When is a parent out the picture? Different custody, different perceptions. *Family Process*, 26, 101-110.

- ISAACS, M. B. & Leon, G. H. (1988). Divorce, disputation and discussion: communicational style among recently separated spouses. *Journal of Family Psychology*, 1 (3), 298-311.
- JOHNSTON, J. R., Gonzalez, R. & Campbell, L. (1987). Ongoing postdivorce conflict and child disturbance. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 17 (4), 493-509.
- JOURILES, E. N., Murphy, C. & O'Leary, D. (1989). Interspousal aggression, marital discord and child problems. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57 (3), 453-455.
- KASLOW, F. W. (1981). Divorce and divorce therapy. In A. Gurman & D. Kniskern (Eds.), *Handbook of Family Therapy*. New York: Brunner/Mazel.
- KELLY, J. B. (1984). Divorce: the adult perspective. In B. B. Wolman & G. Sticker (Eds.), *Handbook of Developmental Psychology*. New Jersey: Prentice-Hall, Englewood Cliffs.
- KITSON, G., Babri, K. B. & Roach, M. J. (1985). Who divorces and why: a review. *Journal of Family Issues*, 6 (3), 255-293.
- KLINE, M., Tschann, J. M., Johnston, J. R. & Wallerstein, J. S. (1989). Children's adjustment in joint and sole physical custody families. *Developmental Psychology*, 25 (3), 430-438.
- LONG, N. & Forehand, R. (1987). The effects of parental divorce and parental conflict on children: an overview. *Developmental and Behavioral Pediatrics*, 8 (5), 292-296.
- RICE, J. K. & Rice, D. G. (1986). *Living through divorce: a developmental approach to divorce therapy*. New York: Guilford.
- RIESSMAN, C. & Gerstel, N. (1985). Marital dissolution and health. *Social Science Medicine*, 20 (6), 627-635.
- SALTS, C. J. (1979). Divorce process: integration of theory. *Journal of Divorce*, 2 (3), 233-240.
- PAIS, J. & White, P. (1979). Family redefinition: a review of the literature toward a model of divorce adjustment. *Journal of Divorce*, 2 (3), 271-282.

RESUMO

O processo de separação conjugal/divórcio está usualmente associado a perturbações a nível do bem estar físico e psicológico dos membros da família. A qualidade da relação entre os ex-cônjuges depois da separação tem sido considerada como um aspecto importante na adaptação dos membros desta família. O objectivo do presente estudo é descrever o tipo de relação existente entre os pais separados/divorciados e avaliar como certos aspectos da experiência de separação influenciam o padrão da relação parental. Apresentam-se também algumas propostas de intervenções educacionais, terapêuticas e legais que possam contribuir para o bem-estar destas famílias.

ABSTRACT

The marital separation/divorce process is usually associated with health problems and psychological maladjustment of the family members. The quality of the relationship between former spouses after marital separation has been viewed as one important aspect for the adjustment of the members of the divorced family. The purpose of the present study is to describe the current relationship between separated/divorced parents and to examine how some aspects of the separation experience influence the pattern of the parental relationship. We present also some proposals for educational, therapeutic and legal interventions that can contribute to the well being of those families.